

# **TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA DE ATITUDES SOCIAIS EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DO ALUNO CEGO NO ENSINO REGULAR. RELATO DA ATUAÇÃO DE BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.** Ligia Maria Fernandes; Sadao Omote-3.20-Pedagogia-Departamento de Educação Especial-Faculdade de Filosofia e Ciências-Campus de Marília.

A autora, bolsista de iniciação científica, relata a sua experiência como iniciante da carreira de pesquisadora. As atividades desenvolvidas centram-se na compreensão do desenvolvimento de uma pesquisa, com a participação em algumas de suas etapas. As atividades incluem leitura de textos relacionados ao tema da pesquisa, preparo de material para coleta de dados, administração de bancos de dados e cálculos estatísticos. Como bolsista de Iniciação Científica, participei do projeto *Tradução, Adaptação e Validação de uma Escala de Atitudes Sociais em Relação à Inclusão do Aluno Cego no Ensino Regular*.

## **1. Relato de experiência de participação no projeto**

Como bolsista, participei das discussões feitas no grupo de pesquisa em relação ao projeto. Foram discutidos diversos textos de diferentes autores. Nas discussões acerca da educação inclusiva, tem sido dada especial relevância às atitudes sociais de toda a comunidade escolar e principalmente às atitudes do professor. A partir da compreensão das atitudes sociais dos professores em relação à inclusão, é possível ter alguma idéia das condutas que eles adotam em suas salas de aula. Mesmo os professores que são muito bem formados didaticamente, se não têm atitudes que expressam respeito e valorização das diferenças, não podem responder adequadamente a essas diferenças. Bender, Scott e Vail (1995) evidenciaram que os professores do ensino comum com atitudes negativas em relação à inclusão utilizavam estratégias de ensino inclusivas menos freqüentemente que os professores com atitudes positivas. São os aspectos não visíveis, como as crenças, os valores e as concepções, embutidos nas ações de cada pessoa em relação ao deficiente, que poderão determinar a qualidade da relação interpessoal e conseqüentemente o processo de ensino e aprendizagem inclusivo.

Mushoriwa (2001) utilizou uma escala Likert para realizar um estudo com 400 professores de escolas primárias em Harare, Zimbabwe, com o objetivo de identificar as atitudes sociais desses professores em relação à inclusão da criança cega nas classes regulares. Constatou que a maioria dos professores (94%) não tinha atitude favorável em relação à inclusão dessas crianças, não se sentia preparada para recebê-las e informou que a presença da criança cega atrapalharia o andamento normal das atividades da classe. O autor concluiu que as crianças cegas estavam inseridas apenas fisicamente na classe regular; social e academicamente, elas permaneciam excluídas por causa das atitudes negativas dos professores.

No nosso meio, há carência de estudos de campo acerca das atitudes sociais em relação à inclusão. A inexistência de escalas padronizadas de mensuração de atitudes sociais em relação à inclusão é um obstáculo à investigação dessa temática. Quando, em algum estudo, o autor se refere às atitudes em relação à inclusão, freqüentemente o faz de modo vago e superficial, a partir do que pode ser inferido grosseiramente nos relatos verbais de seus entrevistados.

Deste modo, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de pesquisas acerca das atitudes sociais em relação à educação inclusiva, o grupo de pesquisa *Diferença, Desvio e Estigma* desenvolveu, por meio de estudos minuciosos e criteriosos, a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI), com duas formas equivalentes. Essa escala está devidamente validada e padronizada, mas, para a mensuração de atitudes sociais em relação à inclusão, com maior confiabilidade, seria conveniente dispormos de um segundo instrumento para apoiar o resultado do primeiro. Nesse sentido, a escala desenvolvida por Mushoriwa (2001) apresenta duas características interessantes: trata-se de um

instrumento simples de aplicação rápida e tem como objeto atitudinal uma categoria específica de deficiência, a cegueira.

Na literatura especializada que os membros do grupo de pesquisas estudaram, há estudos que revelam atitudes diferenciadas em relação a diferentes categorias de pessoas deficientes bem como em relação à inclusão dos mesmos. A inclusão de alunos com comprometimentos menos severos é mais bem aceita que a daqueles que necessitam de assistência mais constante, como os deficientes múltiplos (LANIER; LANIER, 1996). Em alguns estudos, o objeto atitudinal foi especificado apontando algumas condições específicas de comprometimento. Assim, Jobe, Rust e Brissie (1996) encontraram dados que sugerem ser melhor a aceitação da inclusão de alunos com deficiência física do que os que têm problemas cognitivos, emocionais ou comportamentais. Artioli (1999) evidenciou que os professores do ensino comum previam dificuldade menor para a inclusão de alunos com deficiência física do que os alunos com deficiência auditiva, mental ou visual. Balboni e Pedrabissi (2000) também concluíram que são mais positivas as atitudes sociais em relação à inclusão de alunos com problemas de aprendizagem ou deficiência física do que as atitudes em relação à inclusão de alunos que têm problemas emocionais ou comportamentais e alunos com deficiência mental. Entre as condições menos aceitas para a inclusão, Hastings e Oakford (2003) evidenciaram que os professores são mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência mental do que os que apresentam problemas emocionais ou comportamentais.

De uma maneira geral, embora as atitudes possam ser genéricas, as pessoas concebem atitudes diferenciadas para cada tipo de deficiência. Assim, pode ser de grande utilidade, para fins de pesquisa sobre inclusão, dispormos de escalas que meçam atitudes sociais em relação à inclusão de diferentes categorias de alunos deficientes. É nesse sentido que se coloca o especial interesse em traduzir e adaptar a escala de Mushoriwa, não só para a inclusão de alunos cegos, como também de alunos com deficiência física, mental e auditiva, por considerarmos importante o entendimento de como a coletividade se comporta frente a determinado tipo de deficiência e por que a coletividade designa atributos diferentes para deficiências diferentes.

Descrevo, a seguir, esse projeto que está sendo desenvolvido por membros do grupo de pesquisas *Diferença, Desvio e Estigma*, e relato a minha participação nesse trabalho. Os objetivos levantados pelo grupo foram:

1. Traduzir, validar e padronizar a escala de Mushoriwa para a inclusão de deficientes visuais.
2. Adaptar, validar e padronizar a escala de Mushoriwa para deficientes auditivos, físicos e mentais.
3. Verificar a especificidade das atitudes sociais dos professores em relação à inclusão de diferentes categorias de alunos deficientes.

Os métodos levantados pelo grupo foram divididos entre participantes e materiais utilizados:

A amostra total deverá ser constituída por 600 professores em exercício do Ensino Fundamental e professores em formação, divididos em quatro grupos de 150.

São utilizadas duas escalas: a de Mushoriwa e a ELASI. A ELASI, no formato Likert, elaborada pelo grupo de pesquisa *Diferença, Desvio e Estigma*, da UNESP de Marília, é constituído por duas formas equivalentes (forma A e forma B), cada uma com 35 itens. A escala de Mushoriwa, também no formato Likert, contém 14 itens. A escala de Mushoriwa é apresentada em quatro versões, correspondendo cada versão a uma área de deficiência: auditiva, física, mental e visual.

**Procedimento de tradução e adaptação da escala de Mushoriwa.** A tradução da escala de Mushoriwa foi feita em três etapas com o auxílio de três colaboradores que possuem conhecimento, domínio e experiência significativa na utilização da língua inglesa e na terminologia técnica do trabalho. Na primeira etapa, a versão original da escala em inglês ( $I_0$ ) foi traduzida para o português ( $P_1$ ). Na segunda etapa, foi feita a retrotradução do português para o inglês ( $I_1$ ). Na terceira etapa, a versão  $I_1$  foi traduzida para o português ( $P_2$ ). Após as etapas de tradução e retrotradução, as versões  $P_1$  e  $P_2$  foram comparadas, bem como o foram as versões  $I_0$  e  $I_1$ . Tal procedimento originou a primeira versão em português da escala, que foi utilizada na pesquisa em questão. A escala final em português tem quatro versões, adaptando os enunciados para cada categoria de deficientes.

Os participantes respondem a escala de Mushoriwa e a ELASI, em grupos de 30 a 40 pessoas. Cada participante responde a uma das versões da escala de Mushoriwa e a uma das formas da ELASI. As escalas são distribuídas aleatoriamente, de maneira a assegurar que cada versão da escala de Mushoriwa seja respondida por cerca de  $\frac{1}{4}$  dos participantes e cada forma da ELASI por cerca de  $\frac{1}{2}$  dos participantes. A coleta de dados está sendo concluída, faltando 48 participantes para completar o total previsto de 600.

Os dados coletados são inseridos e gerenciados em bancos de dados. Para cada participante, são calculados os escores alcançados nas duas escalas. Para fins de comparação de diferentes grupos de participantes, são calculados alguns parâmetros de cada grupo: a variação, a mediana e a dispersão indicada pelos valores de quartil 1 e quartil 3. A validação da escala de Mushoriwa, nas suas quatro versões, será investigada por meio da comparação dos escores destas com os escores da ELASI, forma A ou B, utilizando a correlação de Spearman.

## **2. Conclusão**

Atualmente estou participando da análise de dados para a validação da escala. Os dados estão sendo gerenciados em bancos de dados feitos no Access e depois transportados para o Excel para que os cálculos possam ser feitos, começando pelo cálculo dos escores. Estas etapas iniciais são muito importantes para minha formação na graduação, pois verificar e acompanhar todas as etapas do projeto, é uma experiência muito rica para a formação como pesquisadora. Os encontros quinzenais com o Grupo de Pesquisas *Diferença, Desvio e Estigma* auxiliam na minha compreensão de temas variados, pois, além das leituras, são realizadas discussões sobre os temas propostos. O projeto encontra-se em andamento.

## Referências Bibliográficas:

- ARTIOLI, A. L. *A Integração do Aluno Deficiente na Classe Comum: o ponto de vista do professor*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1999.
- BALBONI, G. & PEDEABISSI, L. Attitudes of Italian teachers and parents toward school inclusion of students with mental retardation: The role of experience. *Education and Training em Mental Retardation and Developmental Disabilities*, 2000. p.148-159.
- BENDER, W. N., SCOTT, K. & VAIL, C. O. Teachers' attitudes toward increased mainstreaming: Implementing effective instruction for students with learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 1995. p. 87-94.
- HASTINGS, R.P. & OAKFORD, S. Student teachers' attitudes toward the inclusion of children with special needs. *Educational Psychology*, 2003. 23 (1), p. 87-94.
- JOBE, D., RUST, J. O. & BRISSIE, J. Teacher attitudes toward inclusion of students with disabilities into regular classrooms. *Education*, 1996. 117 (1), p.148-154.
- LANIER, N. J. & LANIER, W. L. The effects of experience on teachers' attitudes toward incorporating special students into the regular classroom. *Education*, 1996. 117 (2), p.234-241.
- MUSHORIWA, T. A study of the attitudes of primary school teachers in Harare towards the inclusion of blind children in regular classes. *British Journal of Special Education*, v. 28, n. 3, 2001.
- Bolsa: CNPq